Spártacus

Int. Instituut Soc. Geschiedenis Amsterdam

Ano I — Numero 6 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 6 de Setembro de 1919

A Conferência

Sabe-se que a Conferência da Paz aprovou a convocação em Washington de uma *Conferência Anual do Trabalho*.

Entre os muitos ludibrios e panos quentes com que a burguesia internacional procura adormecer os ímpetos de revolta proletária, essa mentirosa assembléa do trabalho é um dos ardis mais cinicos.

Chega-nos agora, ao governo brasileiro, o convite oficial com as cláusulas fundamentais. O Brasil ha de mandar quatro representantes como os demais paizes. Esses representantes, dois são nomeados pelo governo, um pelos industriais e um pelos trabalhadores.

Mal se divulgou o invite, a astral *A Razão*, defensora desinteressada do operariado, abriu as válvulas da doutrina e falou em nome dos trabalhadores, cujo orgão se diz ser. Opina que está muito bem, que a conferência é uma conquista, que agora vai tudo entrar nos eixos, pois o capitalismo ha de submeter-se á vontade expressa dos obreiros de toda a parte.

Está certa que o snr. Epitácio Pessôa ha de escolher homens capazes, amigos da classe pobre, garantia eficaz e redentora dos oprimidos.

Põe-se *A Razão* assim, como sempre aliás, — orgão de capitalistas, casa de dividendos e negócios —, ao lado dos capitalistas engazopadores, truquistas e marotos.

Porque, saibam os trabalhadores, a tal conferência do trabalho é mais uma arapuca armada á sua eterna ingenuidade, mero derivativo da *ação direta*, pavor dos parasitas. E' um meio de acalmar, nesta hora de desespero, a ansia de um ajuste de contas sério e definitivo.

Diz o ditado: *com bala e bôlo se engana o tolo*. A conferência do trabalho é a bala e o bôlo para ènche as vistas da plebe tola, adoçar-lhe a lingua, abrandar-lhe a fúria revolucionária, impedir o levante dos produtores, conjurar o advento do comunismo em toda a Terra.

E' o velho recurso da *promessa*. E ainda se ilude com êle o proletariado!

Para ver que alçapão é a conferência basta considerar que nela os *tres quartos dos representantes* são *burguêses* figurando os trabalhadores com um quarto apenas. Quer dizer que, na assembléa, a voz dos trabalhadores, os seus interesses, as suas reivindicações serão abafadas, deturpadas, contrafeitas pela maioria esmagadora dos burguêses.

Nesse congresso os mandatarios dos governos hão de defender os *sagrados principios* da ordem tradicional, a manutenção do Estado capitalista, as cooperativas, os seguros, as mútuas, outros tantos *negócios* rendosíssimos, outros tantos modos de mistificar a massa obreira.

Nêsse congresso os industriais se mancomunarão com os defensores do capitalismo para arranjar conclusões imperativas a favor dos agiotas e exploradores contra o operariado rural e urbano.

Seria mistér que fossem anjos os tres quartos de congressistas para abrirem mão dos privilégios, decretarem a falência da economia política, condenarem os bancos, a bolsa, o dinheiro, a negociata, a usura, todos os processos vergonhosos e tiránicos de tosquiar o pacífico rebanho.

Mas são piratas e não anjos. Irão lá certos do que visam seus mandantes, instruidinhos da arte e manha com que aplicarão á fucinheira da plebe ignara o açamo contentor.

Lembrem-se, os trabalhadores do Brasil, de que a conferência de Amsterdam, essa realmente de trabalhadores, se declarou contrária, em tudo, á ação da Conferência da Paz: desaprovou portanto a convocação de uma conferência do trabalho onde os trabalhadores aparecem numa irreparável minoria.

Nessa conferência de Amsterdam estiveram os obreiros do Brasil representados por um operário brasileiro dos mais concientes, dos mais ativos, dos mais bem orientados, Antonio Canellas.

Seria uma desgraça que os operários do Brasil concorressem agora á caricata conferência de Washington.

Ao apêlo do nosso governo os trabalhadores brasileiros devem responder com uma negativa formal.

Devem dizer-lhe: «Não vamos! e faremos o possível por impedir que os demais trabalhadores vão. Não vamos, porque somos concientes, bem percebemos o jogo do capitalismo internacional, vemo-lo agora mesmo desvirtuando as suas mesmas promessas pacifistas, transformando em conquista e negocismo a guerra feita em nome do direito e da civilização. Não vamos, porque não confiamos nem nos governos, nem nos patrões: porque sabemos ter sido a confiança dos párias em seus amos a maior desgraça dêles e a fôrça de conservação dêstes. Não vamos, porque não queremos nenhum *acôrdo* com capitalistas, sendo nosso maiór fim destruir o capitalismo individual e erigir uma sociedade coletivista. Não vamos, porque não nos deixaremos embair, nem pelos políticos, nem pelos padres, nem pelos industriais: porque não *aceitamos* nada, certos de que *devemos conquistar* tudo».

E essa ha de ser a resposta.

JOSÉ OITICICA.

MUITO IMPORTANTE

Varias cartas registradas com valor temos recebido em nome de SPÁRTACUS, ou de ASTROJILDO.

Isso causa-nos um imenso transtorno para recebel-as. Insistimos com os camaradas: toda a correspondencia com valores, sejam vales postaes ou carta com valor declarado, deve ser endereçada exclusivamente para Santos Barbosa, Caixa postal 1936, Rio.

O JURAMENTO

Com a pompa, o fulgor e a solenidade necessarias ás circumstancias extremas, foi feito esta semana o *juramento* de setenta recrutas ao simbolo de pano verde e amarelo que flutua á entrada do porto comercial, á pôpa dos couraçados, na sacada do tezouro, nos quarteis, nos jornaes e em varios outros locaes onde a patria e a burguezia fraternizam para sanção das maiores injustiças da vida republicana.

Falou um coronel socialista e o divino Epitacio que entrou pelo Brazil a dentro á sombra dos canhões americanos.

Os rapazes é juraram (jurar é a antiga castração mental do catolicismo) dar até a ultima gota de seu sangue para que um inimigo imaginario jamais ponha as mãos sacrilegas na tela bicolor que a briza do Brazil beija e balança, embora essa briza a meteorologia informe correr em todas as latitudes e longitudes.

Crea-se assim o amor á patria e á republica no coração duns adolescentes tão confiadamente abertos a todas as sugestões do sacrificio ás coisas que lhes ensinam serem belas e boas. E', com efeito, comovente ver quasi um milheiro de moçoilos vibrar unisonos num sentimento alevantado que já produziu por sobre a terra as mais vastas e as mais extraordinarias carnificinas.

E nós tambem, anarquistas, gente sem deus, sem lei, sem patria e sem familia, sentimos qualquer coisa de extranho em nosso ser excepcionalmente humano quando pensamos que um dia esses rapazes poderão morrer para nos defender tambem, como hoje os cadetes de França e da Inglaterra estão morrendo para defender os nossos irmãos russos da infamia da liberdade.

E eles juraram, perante o deus vivo Epitacio que, do Sinai de sua eleição, disse coisas perfeitamente traduzidas dos manuaes europeus de civismo franco-alemão.

Descubramo-nos, por nossa vez, nós outros inimigos da patria e que um de nós, depois do jesus constitucional que nunca sentou praça e é hoje o comandante em chefe dos nossos exercitos, fale aos rapazes aspirantes a linguagem possivel nesta hora:

Camaradas, essa bandeira tambem será sagrada para nós e por ela morrerão aqueles que não têm outra patria além da sua quimera e da sua revolta. Por ela daremos tanto sangue nosso quanto baste para tornal-a vermelha, e então ha de a justiça vir por toda a terra e toda a terra ha de ser o que chamais patria. Sêde fortes, rapazes, e amai como nós a liberdade; vereis como a republica é um facto, desaparecidos que sejam desta terra a burguezia e o estado capitalista que armaram vossos braços generosos contra o unico inimigo deles todos: a igualdade. E a igualdade são as nossas idéas postas em movimento pelo mundo inteiro onde ha sofrimentos, onde ha fome, onde ha miserias a expulsar da civilização que eles prostituiram e querem purificar com o vosso e o nosso sangue.

Geca Vermelho.

As nossas ambições

Inumeras vezes, agarrados pela garganta, os nossos adversarios erguem as mãos ao ar como no gesto classico dos rendidos á discreção e acabam por convir que nós temos razão.

Sim, nós temos razão: este mundo está perdido, não ha mais obediencia, nem sentimento de justiça, nem mesmo esperança de encontrar no espirito humano a fecunda semente do grande amor que produziu tão extraordinarias frutificações.

Mas... o homem é o homem, já o disse o extraordinario Prudhomme e agora ainda o repete Acacio por todos os livros e jornaes do mundo.

Sabem vocês o que significa este profundo pensamento, o homem é o homem? Apenas isso: a ambição. Emquanto houver uma humanidade sobre a terra a ambição existirá com ela, e emquanto houver ambição nunca será possivel o amor, a justiça e a paz entre os homens.

O burguez, como se vê, é doutrinario, sentencioso e biblico. As suas idéas descem de uma geleira sita além das nuvens e fluem sobre a terra como o antigo maná e como as modernas bombas dos aviões de guerra. São inantigiveis e infaliveis. E mais avida, a filosofia em uso nas suas arcadias e nas suas catedraes emana de uma força sem materia, que anda por toda a natureza como o arbitrio navega por todas as nossas liderdades.

Essa força poderosa, posta em jogo nos casos que directamente nos interessam, ao serviço dos momentos em que periga a conservação da sociedade e das concepções necessarias, consiste afinal em muito pouca coisa: em tomar o efeito pela causa e em tomar a causa pelo efeito.

Eis aqui um caso admiravelmente claro e perfeitamente caracterizado: a ambição.

O que é a ambição?

Porque é que existe a ambição?

A ouvir a burguezia e a matilha adextrada dos seus escribas e dos seus filosofantes, a ambição é um sentimento inato no homem; existente por si propria e que está acima e antes de qualquer sentimento de que seja dotada a personalidade humana.

E antes de resolver o absurdo de uma tal afirmação, dá-se a tese como provada e com ela vão-se lançando o espanto e a confuzão nos espiritos que querem ver claro e nortear por uma linha de impecavel retidão.

Entretanto, a ambição é um sentimento superposto, uma aquizição posterior, muito posterior do espirito pessoal, social dos homens. Longe de ser causa ou factor da nossa psicologia, ela é uma miseravel resultante de alguns elementos formadores daquilo que chamamos o coração humano.

E porque existe a ambição? porque é ela possivel? Precisamente porque a sociedade actual está eivada, cimentada e envolvida de todas as injustiças, desigualdades e inseguranças possiveis em uma civilização.

E' natural que os homens cercados de perigos, victimas de falsidades, subornados, tentados, corrompidos, ralados de duvidas e de incertezas, vão lentamente perdendo a saúde moral que tiram da remota origem comunista da vida e adquirindo em compensação sentimentos aberrantes que lhes servem de defeza provizoria ou lhes permitem a segurança necessaria á vida.

Em torno de nós, o espectaculo burguez é o da mais odiosa e da mais cinica cobiça; nós vemos a sociedade organizada como uma guerra de saques e rapinas: temos em cada burguez um lobo esfomeado e em cada cristão um abutre a esvoaçar. E os mais fracos, os mais sugestionaveis, aqueles que não podem ver no passado ou que não querem ver no futuro outra sociedade e outra civilisação, fazem em ponto pequeno o que veem seus senhores e seus pastores fazer em ponto grande.

E' o *avança* em todos os terrenos, em todos os gráos, em todos os sentidos. E' a ambição, psicóse exasperada que fórma o substracto moral e mental das classes dominantes.

Pois é com ela que o burguez pretende argumentar contra a nossa obra anarquista de educação moral e de construção sociologica.

«Vocês anarquistas, quando não são perfidos, são utopistas. Pois não é inconcebivel uma sociedade de iguaes, si a ambição é a causa de todos os desequilibrios da fortuna social? Falemos franco: vocês estão devorados de ambição!»

Antes de tudo, a anarquia, educando os homens, começa por curar neles essa lastimavel gangrena, e depois, si não condenassemos a ambição, o burguez estaria ao nosso lado.

Mas eu levaria o resto do meu tempo a raciocinar e não chegaria a resultado algum porque o burguez, que me lêsse, estaria escudado de sua imensa má-fé.

Concordemos. Sim, nós anarquistas somos ambiciosos, temos uma enorme, uma incoercivel, uma desesperadora ambição.

Como homens, como moleculas deste horrbroso agregado de torpezas que é a civilização, nós tambem estamos saturados desse incuravel veneno.

Mas a nossa ambição está na historia, que o burguez conhece. Ela foi no passado aquele sentimento que ergueu os homens e lhes deu consciencia e liberdade: foi aquele clarão de brancura imaculada que guiou sabios e pensadores á conquista do bem e da verdade: foi a força que ergueu o braço de Spártacus e a fraqueza de Galileu denegando a rotação da Terra.

Somos nós todos a ambição suprema, o desejo imoderado e temerario de adquirir toda a verdade humana, todas as liberdades, todo o amor e toda a justiça de uma vida imensa. Temos a ambição feroz e histerica de conquistar para cada um o que pertence a todos, de reunir em cada mão a fortuna sem par da terra inteira e de espalhar, como um deus nunca, jamais o fez, a alegria, a justiça, a opulencia e o amor por todas as criaturas e por todas as gerações.

E vós, vilissimas criaturas, amoedadas e pulverulentas, vós, miseraveis ambiciosos do elogio nas folhas e dos cheques nos bancos, vós que não possuis sinão remorsos de latrocinios e o nojo das mentiras, vós, que rastejais como os invertebrados e sonhais como o mouro da tragedia todo o horizonte e toda a altura de uma moeda de cobre, ousais duvidar de nossas formidaveis ambições?

Sabeis o que é a anarquia?

E' ambição redobrada de ambições. Para qualquer de nós não basta uma mulher bonita, não basta um camarote no Lirico, não serve a presidencia da republica, é inutil o Vaticano. Nós queremos a terra toda inteira, o ar de toda atmosfera, a agua de todos os oceanos. Ficai com a vossa ambição de deuses mercantes ou de genios da Galeria dos Espelhos: nós vos desprezamos como ridiculos e vis. Nós ambicionamos o universo. Somos a anarquia, somos a liberdade.

Domingos Ribeiro Filho

● *A guerra, por sua propria natureza, é a negação dos principios sobre os quaes assentam a civilização e a cultura, e das leis que presidem ao seu desenvolvimento.* — Von Hartmann (*general alemão*).

A PLEBE diaria

Um obstaculo de ultima hora, imprevisto e de pronto irremediavel, impediu que o numero inicial de **A Plebe** *diaria sahisse no dia 1.o, como fôra anunciado e era anciosamente esperado.*

Mas o contratempo foi apenas por uma semana e já hoje, ou por estes dois dias, estará **A Plebe** *rompendo quotidianamente o bom combate pela anarquia.*

Aguardamol-a, impacientes, e com uma calorosa e antecipada saudação aos camaradas de S. Paulo!

A intervenção na Russia, a "self-determination", as pequenas republicas slavas, o salvador Koltchak, etc., etc....

A França não intervirá...

Encontramos em *L'Humanité* as seguintes informações comprobantes da sinceridade dos «compromissos» do governo francez no sentido de não intervir na Russia:

«Em 23 de junho 2.000 homens do 82 de caçadores alpinos embarcaram no Havre com destino ao mar Negro, via Marselha. Conversámos com alguns. A maior parte deles segue contra a vontade, pelo dever de obediencia. Um ou outro fazia-se de fanfarrão, como que a justificar-se da triste tarefa a que era levado. Mas não escondiam, mesmo esses, a inquietude e o descontentamento. A um delegado dos metalurgicos que os interrogou a respeito das suas intenções, responderam que iriam talvez até á frente russa, mas que não atirariam nem atacariam as cidades».

Esse é o jogo hipocrita dos governos imperialistas da *Entente*. Publicamente, nas camaras, nas assembléas, pelos jornaes e pelos telegramas, afirmam, reafirmam e tornam a afirmar a sua decisão irrevogavel de respeitar integralmente o principio basico da *self-determination*, que deve presidir á transformação do mundo. Mas de facto, em realidade concreta, vão intervindo, directa e indirectamente, enviando tropas, remetendo munições, auxiliando Koltchak, caluniando e infamando os bolchevistas...

Tambem a Inglaterra...

Tal qual como a França de Clémenceau, procede a Inglaterra de Lloyd George, aliás de Napoléon Northcliffe.

Eis mais uma prova, denunciada por um radiograma de Trotski:

«Os inglezes conduziram a Novorossiisk equipamentos para 100.000 homens, 350 canhões, sendo 150 de grosso calibre e 200 menores, 150 tanks, aeroplanos e consideravel quantidade de cartuchos e de obuzes. Para Vladivostok enviaram igualmente 60 canhões, e o Canadá forneceu uniformes para 400 000 homens.»

Que grandissimos bandidos eram os imperialistas... alemães!

Koltchak, salvador de todas as Russias

Os delegados dos Estados formados nos limites do antigo imperio moscovita endereçaram ao presidente da Conferencia da Paz, em 17 de junho ultimo, a seguinte declaração:

«Os representantes da Republica de Azerbeidjan, da Republica da Estonia, da Republica da Georgia, da Republica da Letonia, da Republica Nordcaucasiana, da Republica da Russia Branca, da Republica da Ukrania, havendo tomado conhecimento da correspondencia trocada entre o Conselho das grandes potencias aliadas e associadas e o almirante Koltchak, concernente ás condições do auxilio das ditas potencias ao governo de Omsk, têm a honra de declarar, em nome dos seus respectivos governos, o que se segue:

1.º As Republicas citadas se formaram e existem pela livre vontade dos povos desses Estados. As Constituições dessas republicas estão sendo elaboradas e as suas relações reciprocas com os Estados visinhos serão em breve fixadas e determinadas pelas suas respectivas Constituintes, umas já eleitas e outras a serem eleitas sobre a base do sufragio universal. As decisões dos orgãos do poder governamental da Russia, quaesquer que eles sejam, não podem, pois, referir-se a estes Estados soberanos: Azerbeidjan, Estonia, Georgia, Letonia, Nordcaucasia, Russia Branca e Ukrania, e as relações reciprocas entre estes Estados e a Russia não podem ser reguladas sinão como relações entre Estados iguaes e soberanos;

2.º As supraditas Republicas reiteram perante a Conferencia da Paz e as grandes potencias o pedido de reconhecimento imediato da sua independencia politica».

E ahi está como a dictadura imperialista e aliadofila do almirante Koltchak, que a *Entente* quer por força elevar á categoria de «chefe do governo pan-russo de Omsk», é recebida e... desejada pelos povos do velho imperio czarista. As proprias republicas democraticas e anti-bolchevistas não o querem a preço nenhum. O que lhes vale (e nos vale tambem a nós outros) é que os exercitos vermelhos da Grande Russia garantirão a zona...

Bemdita guerra libertadora dos povos civilizados e demais patifes adjacentes! Amen.

"A AURORA"

Já se acha á venda o 2.º numero deste panfleto de critica social, que se edita em Petropolis, sob a direção de Santos Junior.

O seu endereço é o seguinte: rua Westphalia 1207, Petropolis (E. do Rio).

RERUM NOVARUM

Um flagrante

E' meio dia. Tomo o meu bonde para ir almoçar. Os fados colocam-me ao lado de dois tipos, que não conheço. Um deles, o de lá, mesmo sentado, percebe-se que é alto. E' gordo tambem e rubicundo. Veste com rigor e as suas mãos cabeludas seguram uma rica bengala de castão de ouro. Anos: quarenta e tantos. O outro é velho, de sessenta ou mais. Todo grisalho. Não sei o que é, mas parece advogado, e uma pasta cheia de qualquer coisa descansa sobre os joelhos.

Conversam sem olhar um para o outro. O de lá, o gordo, erecto, de nariz empinado, o olho bogalhudo e sanguineo fito na parte mais alta do bonde. O de cá, o velho, com o dorso descahido, parado o olhar murcho e triste nas costas do passageiro da frente. O gordo fala devagar, pausadamente, com metodo. Voz abaritonada. As palavras, bem batidas, sahem-lhe direitinhas e penteadinhas. Sabe que o ouvem, e percebe-se que ali ha pedante. O velho é o velho. Preocupado e triste.

Entro, sento-me, abro o jornal e apanho o dialogo neste ponto. E' o de lá, o gordo:

— Essas idéas jamais se aclimatarão em nosso paiz.

E o outro:

— O melhor, porém, era impedir que elas entrassem.

— Sim, necessitamos de uma bôa lei de expulsão. A que existe é insuficiente. Insuficiente e dificil de executar. Muito enredada no processo.

— Era melhor impedir que elas entrassem, impedindo a entrada dos agitadores.

— Isso é dificil. Quando não saltem dos navios, entram pelas fronteiras. Vão ao sul, por exemplo, e de lá voltam por terra. Vê-se isso todos os dias.

— Então, só a expulsão.

— A expulsão, é claro, como se faz em toda a parte. A expulsão sem mais nada, sem processo e sem demora, em massa ou como fôr preciso. O essencial é que saiam.

— São, então, muitos?

— No Brazil não. Uns cem ou pouco mais.

— E como vivem?

— Como vivem? Vivem das associações. Cada associação tem a seu cargo uns tantos. Grande parte da receita, tres ou quatro contos por mez, é embolsada por eles. E' um oficio, um emprego, uma profissão. D'ahi o nome de agitadores profissionaes por que são conhecidos.

— E como trabalham, como propagam essas idéas entre o povo, entre os operarios?

— Muito facilmente, escrevendo e falando. Falando, sobretudo. São audaciosos e têm labia. Alguns mesmos fingem-se operarios. Usam uma linguagem muito simples e muito suave, que nós não conhecemos, mas que illude o trabalhador e o converte.

— E são sinceros?

— Sim, alguns, poucos, são convencidos. Como os doidos. Mas como os doidos, muito perigosos.

— E' uma lastima!

— Sim, uma lastima para o Brazil e para o universo, porque o mal é geral e em toda a parte existe. Nós apenas e de leve reflectimos a Europa, que está peior, muitissimo peior.

— E' uma lastima!

— Uma grande lastima!

Longa pausa se seguiu. O gordo, com o nariz sempre no ar, fitava um ponto vago no tecto do bonde; o velho, mais curvado e mais triste, continuava com o olho imovel sobre o dorso do passageiro da frente.

Na rua da Relação, o gordo despediu-se, desceu, caminhou erecto, com o nariz empinado para as bandas da policia. O velho apeou adeante, na rua dos Invalidos, sempre triste e o olhar murcho.

E' um flagrante. Trasladei-o para estas colunas, não porque me parecesse que tivesse valor, mas exactamente porque o não tem. E' um simples documento, um documento demonstrativo da maneira insignificante e tôla, mentirosa e futil como os tipos, certamente, representativos da sociedade burgueza, gente rica e gente culta, vêm e sentem os tempos modernos e os problemas que lhes são inherentes, o primeiro e o mais importante dos quaes é o que se convencionou chamar a questão social.

Depois disto não é demasiado afirmar que a burguezia está morta e bem morta e que não mais, nunca mais, ela reviverá.

Roberto Feijó

● *O verdadeiro motivo pelo qual se deixam incultas as terras e das cultivadas apenas se tira uma pequena parte do que poderiam dar, empregando-se metodos de cultura menos primitivos, é que os proprietarios não têm interesse em aumentar os productos. Não se importam com o bem-estar do povo; fazem produzir para vender, e sabem que quando ha muitos generos, baixam os preços e diminue o lucro, que pode vir a ser no total inferior ao que tiram agora que os productos escasseam e podem ser vendidos pelo preço que lhes agrade.* — Malatesta.

Stud Book Humano

Sérios, mas sérios como gente séria, os estadistas e os escribas alugados ao estado capitalista estão forçando a nota em torno do chamado registro civil, essa lista amarela dos futuros escravos desta inconcebivel senzala.

Diz-se tudo, raciocina-se pesadamente sobre a prodigiosa insignificancia das formas por que todos os frutos do nosso amor passem pelas mãos estranhas e impuras dos publicanos que amanhã irão desencavai-os do pó dos arquivos para lançal-os á lama das casernas.

Nós não sabemos bem em que pé param as idéas em transito pela *garage* da soberania nacional onde nasceu a reforma, de conubio hibrido embaixo das nugas contistas e catolicas da Bahia e Rio Grande.

Vemos, porém, que a tendencia é para aperfeiçoar os metodos de arrancar os filhos ás suas mães e garantir pela força e pela ameaça o preito de vassalagem que os inocentos devem ao fisco.

Reparem todos nessa torpeza legal que é o registro civil, cogitem alguns instantes sobre as segundas, terceiras e ultimas intenções do estado quando foi buscar á igreja o meio pratico de insultar para sempre a vida humana, o amor materno e a liberdade de viver. E depois interroguem a propria consciencia e digam para que destino caminha de quatro a humanidade. Servos do clero, vassalos do estado, animaes domesticos da burguezia, que nos falta ser ainda para enojar a vida? nada; a menos que abaixo da lama haja ainda camadas mais macias onde a republica realisará suas promessas liberticidas.

Porque nós, francamente, embalde procuraremos em toda a zoologia um animal que seja registrado, recenseado, eleitor, jurado, guarda nacional, negociante matriculado e reservista. Só se fôr o conego Galrão.

D. E.

"A SEARA"

Um grupo de camaradas começou a editar esta semana uma revista semanal de arte, sciencia e literatura.

Publicar-se-á ás quintas-feiras, e o seu endereço (provisoriamente) é o seguinte: rua do Cotovelo, 33, sobrado.

Por caminho errado

As observações feitas no desenrolar dos movimentos operarios, nestes ultimos mezes, têm revelado acentuadas manobras com o intuito de desmantelar as organizações proletarias. Estas manobras percebem-se claramente, desde que o observador se dedique a acompanhar de perto a ação desenvolvida pelas colectividades de trabalhadores.

Agora, que o movimento operario está saindo do estado embrionario e fortalecido pelos efeitos da guerra e da revolução russa, começam os governantes e os burguezes a preocupar-se com a marcha dos acontecimentos e procuram tactear os pontos fracos das fileiras do exercito adversario.

Oficialmente, as autoridades estão procedendo á abertura de inqueritos para estudar o meio operario, e tirar as deduções que lhe possam facilitar a pratica de medidas repressivas contra certas classes organizadas, ou contra os individuos partidarios da ação directa das classes e que defendem e propagam uma idéa.

Com essa tactica, as autoridades ficam conhecedoras de todos os detalhes da organização, e quaes os elementos que podem orientar sinceramente os trabalhadores. Fornecendo relatorios ás autoridades, as classes que assim procedem, evidentemente estão laborando num grande erro. Os industriaes fornecem relatorios, porque nisso têm interesse e para que as autoridades lhes defendam as suas propriedades e privilegios; mas os trabalhadores não podem nem devem seguir o mesmo exemplo, sob pena de ver desfeita a obra que tantos sacrificios tem custado.

Isto quanto á ação oficial do governo, já do conhecimento publico. Fóra da ação declaradamente oficial, mas que nós temos noticias de o ser, aparecem os prepostos a intrometer-se nas associações de classe, com o fim de lançar a discordia no meio dos trabalhadores.

Não se póde deduzir outra cousa da intromissão do *coronel* Americo de Medeiros, na Federação dos Conductores de Vehiculos, quando esta procurou servir de intermediaria na questão dos tecelões. Todos os trabalhadores devem estar lembrados do papel desempenhado por esse individuo, na extincta Federação Maritima Brazileira.

Esse individuo, que não é operario, que anda em diversas associações e se apresenta como mediador nos conflictos que surgem com o patronato, não é mais que um politiqueiro encarregado pelos interessados de desharmonizar o proletariado. Foi o que fez com a Federação Maritima.

De acordo com o governo do sr. Wenceslau Braz e do sr. Aurelino Leal, procurou scindir a Federação e impedir que entre os trabalhadores maritimos e terrestres houvesse qualquer entendimento colectivo. Para conseguir levar a efeito essa scisão, segundo nos afirmaram, o governo foi que forneceu o dinheiro para construir o hospital Maritimo Muller dos Reis, e que patrocinou a candidatura do sr. Muller dos Reis para deputado.

E' evidente que isso não podia ser praticado, sem que alguns elementos, ou mesmo, algumas classes maritimas tivessem anuido a esse plano.

Foi o que se deu. A Federação Maritima scindiu-se, houve lutas entre os trabalhadores, houve chicana no fôro e os juizes deram ganho de causa á facção do *coronel* Medeiros. O resultado todos nós sabemos qual foi. Ao classes maritimas ficaram desorganizadas e em luta umas com as outras, e o individuo, depois de ter conseguido o seu intento, retirou-se satisfeito por haver desempenhado fielmente a sua nefanda missão.

Depois de um breve lapso de tempo, surge em scena novamente o tal *coronel*. Mas desta vez, procurou novo campo de ação; procurou a Federação de Vehiculos, onde pretende exercer influencia, insinuando aos elementos timoratos que devem afastar-se dos militantes intransigentes e do contacto com os anarquistas.

Naturalmente, como estes sofrem toda sorte de perseguições, e varios dos militantes das classes maritimas e algumas terrestres querem estar nas boas graças das autoridades, qualquer entendimento com as classes onde militam os anarquistas impediria os coloquios com as politiqueiros e certas vantagens... que dahi possam advir.

Isto, aliás, não é novidade para nós. Essa luta que os elementos radicaes vêm sustentando desde ha muitos anos, com todos os individuos de orientação dubia, ou que vêm ao meio operario para tirar proveitos pessoaes, entre nós não alcançará a recrudescencia que alcançou na Europa e nos Estados Unidos.

Na Europa, por exemplo, apezar da luta estar travada desde os tempos da Internacional, no Congresso de Zurich, em 1892, varios delegados, que mais tarde se passaram para o campo burguez, tentaram impedir que os anarquistas tomassem parte representando os sindicatos de trabalhadores. No congresso socialista de Londres, em 1896, a maioria dos sociaes-democratas alemães e grande parte da delegação franceza e outras delegações, opuzeram encarniçada resistencia para que os anarquistas não fossem admitidos como representantes dos trabalhadores ao Congresso.

No entanto, todos os sociaes-democratas de todos os paizes, com rarissimas excepções, foram e são traidores da causa proletaria.

Millerand, Jules Guesde, Vandervelde, Viviani, Albert Thomas, Scheidemann e tantos outros, que se diziam defensores do proletariado, todos eles fizeram parte dos governos republicanos e monarquistas, e sempre trahindo os trabalhadores.

Jules Guesde fazia parte do governo que expulsou a Trotski, quando se encontrava em Paris dirigindo «A Nossa Palavra».

Estes individuos, que acabamos de citar, estiveram durante muito tempo iludindo o opereriado e combatendo o elemanto anarquista, porque os anarquistas nunca se prestaram a pactuar com os governos e burguezes prra deter a marcha do movimento revolucionario dos trabalhadores conscientes.

Nas organizações trabalhistas actuaes ha grande quantidade de individuos que se intitulam *leaders* dos trabalhadores, mas que na realidade não são mais que aliados da burguezia e do Estado e constituem um grande obstaculo para a emancipação do proletariado.

Gompers, o presidente perpetuo da Federação Americana do Trabalho, Henderson, o *leader* trabalhista inglez, Branting, trabalhista sueco e outros *trabalhistas* espalhados pelo mundo, estão fazendo o jogo do capitalismo internacional.

O proximo Congresso de Washington, proposto na Conferencia da Paz, naturalmente pelos *leaders* acima referidos, é uma prova bem clara de que estão agindo de acordo com os governos de todos os paizes, pois que os convites para esse Congresso são enviados pelas chancelarias, com caracter oficial. O governo do Brazil foi tambem convidado a mandar representantes a Washington. Segundo as clausulas do tratado que regulam esses Congressos, as representações devem ser de quatro delegados: dous representando o Estado, um o patronato e um os trabalhadores.

Como se vê, os trabalhadores estão em minoria; nada, portanto, podem obter com mandar representantes ao Congresso.

Um jornal desta capital, que se diz tambem trabalhista e orgam do proletariado, tentou fazer um plebiscito para eleger um delegado que representasse os trabalhadores do Brazil em Washington. Não sabemos si o proletariado estará de acordo com esse plebiscito; o que é certo é que nós não devemos tomar na menor consideração esse convite, porque só poderá trazer prejuizo para a nossa obra de reivindicação. E' possivel, entretanto, que alguem se apresente para desempenhar tal representação, em nome dos trabalhadores; porém, esse alguem não poderá defender os interesses do operariado sinão no proprio seio do operariado.

Com representações entre a burguezia e politicos nunca as classes produtoras conseguirão o seu objetivo.

Conseguirão, sim, quando acabarem com os politicos de todas as cores e com a burguezia de todos os paizes.

De momento, os trabalhadores devem se desviar do caminho errado a que procuram arrastal-os, si não quizerem continuar a ser vilmente explorados por todos os parasitas da sociedade.

Antonio Fernandes.

A fita do Cinema Odeon

Os *almofadinhas* e as *melindrosas entupidinhas* da Avenida passaram domingo ultimo um mau quarto d'hora.

E não era para menos. A obra de difamação que a burguezia emprehende, contra a grande obra de emancipação humana iniciada na Russia, atingiu o auge. Mas o ultimo processo arranjado, para proseguir nesta obra, ultrapassou todos os limites de tolerancia de que nós, os revolucionarios, somos dotados.

Ora são artigos pelos jornaes vendidos, eivados de infamias pretendendo desmoralisar o regimen libertario instituido na Russia de Lénine; ora são conferencias pelos patrioteiros que, horrorisados pelas *atrocidades* cometidas pelos bolchevistas, vêm, aos teatros ou associações burguezas, elogiar a *obra de regeneração* dos assassinos de Gorki, daqueles que pretendem abafar o grito dos famintos, que já estão respirando liberdade; ora são outros e mais outros processos infames de propaganda contra os ideaes novos, que ganham terreno cada vez mais, a despeito de todas as perseguições.

Vêm os burguezes que todos esses processos são nulos deante da avalanche de consciencias que se vai formando dia a dia, e tentam encarcerar aqueles que se mostram mais fervorosamente adeptos da liberdade; daqueles que com ardor defendem o regimen novo, julgando que, encarcerando as pessoas, encarceram as idéas. Mas enganam-se redondamente.

A idéa marcha, e quanto mais perseguida, mais victoriosa será.

Falidos todos os meios, desmoralisados todos os trucs, descobertas todas as infamias empregadas, pensou a burguezia em encontrar um outro meio de propagar as suas asnaticas idéas anti-bolchevistas. Pensou, procurou e encontrou. E, do seu cerebro reacionario, sahiu um luminoso pensamento: — o cinematografo!

Sim, o cinematografo! Era um meio facil de propagar não só entre os burguezes, mas tambem entre as demais classes o odio ao regimen egualitario, instituido na Russia, que eles odeiam, porque, segundo esse regimen, *quem não trabalha não come...*

Dito e feito. Organizaram, numa burguezissima companhia, um *film* cinematografico, *A Lua Nova*, que infelizmente encontrou artistas infelizes que se ridicularisaram ao ponto de se prestarem a executar os repelentes papeis daquele *film*.

Organizada a infame pelicula, trataram, imediatamente, de exibil-a em primeiro logar no meio burguez, e o *Odeon*, frequentado exclusivamente por burguezes e burguezas (os taes *almofadinhas* e *melindrosas*), foi o escolhido.

Mas .. (Em todas as historias ha um *mas*...)

Os nossos camaradas não estiveram pelos autos, e resolveram fazer um protesto em regra, uma manifestação de desagrado áquelas infamias.

Resolveram fazer o protesto e o fizeram.

E foi ahi que as *melindrosas* e os *almofadinhas* passaram o seu mau quarto d'hora.

Sob aplausos duma parte consciente da platéa, foi a tal *fita* pateada e protestada a sua veracidade, sendo interrompida a sua exhição por mais de cinco vezes.

E' bem verdade que o protesto não passou disto. Mas ficou.

Demonstramos forças á burguezia, e como resultado disto fomos encarcerados por quatorze horas a fio, assim, *de pancada*, quinze camaradas...

Fomos encarcerados, é verdade. Durante quatorze longas horas estivemos entre grades, sobre o cimento, fazendo propaganda dos nossos ideaes aos demais presos, presos de crime comum com os quaes estivemos em promiscuidade.

Porém a nossa prisão mais nos fez revoltar, mais incendiou em nós o instincto de revolta e de odio á burguezia.

José de Souza.

Henri Barbusse
— A —
Gabrielle d'Annunzio

HENRI BARBUSSE

Transcrevemos do *Populaire*, de Paris, o seguinte trecho de uma generosa carta dirigida por Henri Barbusse, autor do *Fogo* e do *Inferno*, a Gabrielle d'Annunzio:

«Então não vêdes, ó encantador, ó profeta... não vêdes que a éra da escravidão atinge o seu termo e que outra se inicia, com o rumorejar, o agitar, o regougar da maior de todas as forças, buscando novas bases? Não vêdes que de algo maior se trata, mais profundo, mais alto, mais urgente — apezar das aparencias — do que isso em que se engenha e se industria e se assanha e se exaspera a vossa "verve" militarista? Breve, muito brevemente, talvez mais breve do que supomos nós que isso esperamos, terão logar formidaveis perturbações, a que a incomprehensão dos poderes dará talvez caracter catastrofico.

Nossa admiração por vós sempre a havemos de ter, porque nada nos fará olvidar que fostes o mais suntuoso arauto do genio latino. Bem como a Italia, luz dos seculos, paraizo terrestre em que a beleza antiga veio á luz pela segunda vez ha quatrocentos anos, tambem a admiramos. Mas esta não é, como supondes, uma causa italiana, como não é uma causa franceza, como não é uma causa latina. E', antes, uma causa humana; e os interesses dos homens são contrarios á luta dos interesses nacionaes. E' a causa das multidões que desde o inicio dos tempos até hoje têm sido escravizadas e, não obstante todos os sofismas, têm feito a guerra para proveito e gaudio dos outros. A historia fez-se sempre com sangue inocente; e um cortejo terrivel, inexplicavel, imperdoavel de injustiças e delictos decorre de tal escravidão.

Fosse porém qual fosse o passado e quaesquer que hajam sido as suas leis, o dia já lobrigamos em que a justiça reinará para os pobres. A onda que do norte avança já não pode parar. Que lhe tentem sustar a marcha e ela extravasará porventura em excessos, mas não se deterá jámais. Nem as interpretações oficiaes atravez das quaes se nos esconde a imagem da verdade em marcha, nem os exercitos de voluntarios e de espadachins, nem esses varios encantadores ridiculos que andam a brandir o espantalho das frases fatidicas, nem os processos antiquados de magia literaria, nada poderá apagar o vulcão que freme, nem conjuraro terremoto que ameaça. A multidão abriu emfim os olhos, viu o seu logar ao sol e o exige; e a multidão tem razão. Muito acima das discussões insoluveis, dos raciocinios bisantinos, dos compromissos provisorios e de toda essa geometria geografica de fronteiras que tende a reconstruir o passado, e o conseguirá por um dia, o tempo se avizinha em em que sobre a terra não haverá mais que uma só patria tempcral, como não havia senão um Deus, visto que muitissimos olhares distinguem finalmente que tudo o mais é desunião, é furto, é assassinio».

Os nossos diarios

A hora tragica e vertiginosa, que vamos passando, exige da nossa imprensa um maximo de actividade e eficiencia, a que as publicações periodicas já não bastam.

Aqui no Brazil esse impulso se inicia com *A Plebe*, que sai agora, finalmente, diaria, vencendo uma serie inumeravel de obstaculos e contratempos. A *Tribuna do Povo*, de Recife, já anuncia, igualmente, a sua proxima transformação em quotidiano. Entre nós, no Rio, não distante se acha da realidade o diario dos trabalhadores, cujas oficinas em breve estarão montadas. E tambem *Spártacus* não demorará muito em fazer ouvir a sua voz, de 24 em 24 horas...

Na Argentina, ha a velha *La Protesta* e a nova *Bandera Roja*, que não estão mortas, apezar de todas as ferocissimas perseguições do governo... radical do Sr. Irigoyen.

Em Portugal, desde o começo do ano que se publica *A Batalha*, porta-voz quotidiano do proletariado portuguez e já victima, por mais de uma vez, da sanha governamental e capitalista e sobretudo do odio insopitavel dos confrades da imprensa burgueza...

Na França são já antigos os diarios socialistas, sindicalistas e revolucionarios *L'Humanité*, *Le Populaire*, o *Journal du Peuple*, *La Bataille Syndicaliste*... Mas agora chega-nos de Pariz a noticia de que o heroico *Le Libertaire*, velho paladino anarquista, vai transformar-se em quotidiano.

Noticia semelhante nos vem da Italia. Um grupo de camaradas de Milão acaba de lançar a idéa da fundação de um diario anarquico, *Umanitá Nova*. Isso, a não falar nas edições quotidianas do *Avanti!*, orgam do partido socialista oficial, que boa obra revolucionaria desenvolveu durante a guerra e continúa...

Ça ira!

Quando a Igreja era senhora do mundo...

Os bispos ou os principes foram os primitivos senhores das cidades alemãs; mas no XIII seculo, elas resistiram, libertaram-se da tutela deles, tornaram-se solidarias e dahi é que pôde surgir a arte gotica, arte genuinamente popular. E' exacto que já se haviam construido catedraes em estilo romanico, como a de Spira, com as entradas lateraes. Mas as igrejas desta arte, apezar de serem escuras, nebulosas, melancolicas, sombrias, isto é, medievaes, ainda tinham no entanto muito de paganismo, isto é, das basilicas romanicas. E foi preciso que surgisse uma arte profundamente cristã e medieval; e dahi o gotico. Ele é a maxima e perfeita expressão de um povo que vivia metido entre dois pavores—o terror de Satan e o terror de um Deus bilioso, só respirando o odio.

Vida infeliz, a dos antepassados medievaes. Que diabolismo, o vosso, meus pobres ascendentes! Que vida inquieta. Que piedade me causaes!

Diz a Igreja Catolica que o mundo vae mal porque não acredita mais em Deus, no Cristo, etc. Mas o que sei é que os tempos mais religiosos da humanidade, tempos em que a Igreja imperava como senhora absoluta, foram as epocas mais cheias de miserias, de infamias, de ignorancia incomensuravel: a Idade Media que responda.

Então, as contorsões dos epilepticos eram contorsões demoniacas, e toca a beataria a derramar exorcismos e agua benta. A tristeza fatal—a lipemania—atacava povoações inteiras. Esconjuros nas gargalhadas das histericas e nas visões dos paranoicos. Não havia uma psicose onde o diabo não fosse considerado parte integrante. Uma epidemia mental que se poderia estudar sob a denominação de demonismo ou satanismo danava a humanidade. Fadas, *ogres nixes*, ondinas, bruxas, os *korrigans* da Bretanha, os *nissen* e os *kobolds* alemães são manifestações do mesmo fantastico.

Os feiticeiros cavalgavam misteriosos cajados e saíam voando. E si eu não soubesse quantos milhares de inocentes foram queimados durante a Idade Media e si eu não soubesse o quanto foi tragico este periodo, eu daria agora mesmo umas gargalhadas deliciosas ás custas de tanta insania, de tanta estupidez.

E agora venham me dizer que não devemos romper com o Passado, devemos continuar o mesmo estacionar de mumia, afogada, ela, a propria imutabilidade, dentro da mesma imutabilidade dos sarcofagos faraonicos que se chamam religiões. Pensamento é dinamismo, é incessante evoluir. E por isto precisamos asfixiar o Passado dentro do nosso possante apertão. Porque este passado só nos traz recordações dolorosas, só evoca as almas vis dos ignorantes e dos fanaticos, porque tambem só nos recorda o martirio dos homens livres.

Suprema alegria de derrubar! Bemdito camartelo irreverente, sacrilego, que não perdoa aleijão de especie alguma.

Romper com as velharias desconjuntadas. Revoltar-se. Hastear um pendão de rebeldia. Que suprema ventura para a alma de um moço ancioso de coisas heroicas e fartissimo da miseria de 20 seculos de resignação e passividade!

A Idade Media foi uma pagina negra. Teve o seu lado cavalheiresco e lirico, é verdade, mas foi uma sincope da civilisação. Bem sei que houve durante ela uma longa gestação da qual surgiram as conquistas modernas. Mas si a impulsão dada á Humanidade pela Helade imortal não tivesse sido abafada pelo militarismo do Latium e pelo cristianismo decadente, e pelas invasões dos Barbaros, onde já não estariamos?

Nós, modernos, ainda pagamos tributo á hiper-excitação religiosa, ao delirio mistico em que viveu a epoca medieva.

Quantas vezes, estando a trautear uma canção profana, insensivelmente passo desta para um verdadeiro cantochão.

Quantas vezes, sob a capa das nossas emboladas, descubro na toada monotona, arrastada e triste, os velhos cantos religiosos!

Muitas vezes já descobri o «frade» atravez das nossas musicas populares.

Com que emoção de louca mistica, certa gente ouve o *Miserere* do «Trovador» de Giuseppe Verdi!

E' a voz do Passado, é o delirio medieval, é a alma dos antepassados.

Que não conhece a historia do ano 1000 quando se dizia que era o fim do mundo e o povo corria doido pelas ruas, rezando, jejuando, mortificando-se, na ancia de alcançar um céo que ninguem viu e que menos tem de provavel do que de inverosimil?

Quem não sabe a historia das peregrinações, quando os fanaticos se metiam nas longas romagens ao Santo Sepulcro em Jerusalem ou a S. Tiago de Compostela na Hespanha e partiam cheios de fé, com um cajado e um saco, como ainda hoje os que vão ver o «padrinho padre Cicero» do Ceará, fundador de um reles cristiânismo aleijão?

Quem não sabe que os templos actuaes são copias das igrejas romanicas e goticas da Idade Media?

Que é que se esculpia nas portas dos templos antigos sinão exactamente o horroroso Juizo Final, invenção hedionda de um carrasco ou de um inquisidor?

Quem não observa que os campanarios coroados de flexas altissimas pareciam indicar a ancia daquelas pobres almas de fazerem com que Deus ouvisse a sua religiosidade de gente santinha, isto é, de gente doidinha na linguagem actual?

As altas catedraes goticas cheias de cornijas e arquivoltas, botaréos ou contrafortes, arcos butantes e coruchéos ou piramides poligonaes; plenas de um silencio mortalissimo, de santos rigidos ou diabos feiissimos nas misulas e nos nichos floridos, estes santos que tremeram e estes diabos que se alegraram quando a voz de Lutero, esta voz feita para gritar ordens a soldados, esgoelou-se em cantos religiosos que são cantos de combate; a luz coando-se pelos vitraes; a saturnidade; o cantochão arrastando-se dolorosamente e cheio de unção profunda; o orgão com a sua gravidade terrivel; os retabulos e os tripticos representando demonios em contorsões; as nudezas divinas do paganismo cobertas com roupagens ou panejamentos sacrilegos; tudo isto formava um conjunto tão terrivelmente pavoroso que se comprehende perfeitamente aquele desvanecimento de Margarida no «Fausto» de Goethe.

Portanto, quando a Igreja era a senhora do mundo, a humanidade tinha descido a um nivel de boçalismo inominavel.

Sombra, ignorancia, fanatismo, escravização do Pensamento—eis ahi a Idade Media.

Por isso a condeno como condeno a Igreja.

Epoca triste...

Octavio Brandão

Em torno da dôr e do prazer

Proximo, bem proximo um do outro, aconchegados mesmo, amenamente dialogavam sem se preocuparem com os circunstantes, dois individuos, tipos de trabalhadores.

De leve ao primeiro, foi a digressão se incrementando e, por vezes, desceu ao mais profundo da questão, para novamente se depurar no vortice das paixões e transplantar-se ao apice das transcedentes aspirações humanas.

Sem pretender interferir no coloquio, oiçamos de banda os colocutores, que, si algo não lucrarmos muito não havemos de perder...

— A humanidade, expressava-se um deles, procura o prazer e não a dôr, a felicidade e não o desprazer, a alegria e não a tristeza, o gosto e não o desgosto. E nós sabemos que o trabalho é um sofrimento, uma incumbencia aspera, o que quer dizer que, si não houvesse qualquer coisa que nos forçasse a trabalhar, é logico, poriamos os braços em forma de cruz e deixariamos o mundo rolar... uma vez que extinguieis o *regimen da opressão*.. Ao mesmo tempo que não nos absteriamos de consumir, porquanto sempre o gastar para nós constitue um prazer e nós propendemos para a satisfação egoista que nos satura de prazer, ao passo que deixamos á margem todos os demais factores incontingentes para a estabilidade prazeirosa do nosso «eu».

— Concordo, pronunciara-se o outro, si tomas para ponto de partida o vigente estadio social.

— Como queres então implantar uma organização onde não haja superioridade, força, governo, lei?

— Muito facilmente.

— Anceio por saber. Explica-me como sem leis, sem obrigações impostas, o povo produziria; pois nunca vi nenhum quadrupede atrelar-se só por si á tipoia que ha de fazer movêr e lhe vai ulcerando o dorso... Perdôa a comparação...

— Mas, meu caro, reduzamos isso aos seus devidos termos e convenhamos que tanto além não é preciso transpôr.

⁂

Paulo ingerira a largos haustos o ultimo gole e pedira mais cerveja.

Rafael, 24 anos, calmo, sorridente, ponderado, bebera tambem e se predizpoz a encadear de novo o emaranhado de proposições.

— Com efeito, não desconheces tu que tudo no mundo tem uma função.

Bem: tomamos, por axemplo, o nosso arcabouço, que é o que temos mais a proposito, e defrontar-nos-emos com milhares de orgãos; pois bem: todo esse conjunto organico se associa para a função vital e executa um trabalho proficuo, util na nossa conservação.

E para que uma vida seja normal, necessario se faz que esses orgãos desempenhem rigorosamente suas funções, isto é, que se faça a distribuição fisiologica do trabalho.

Ora, quando qualquer desses orgãos se atrofia, obrigando um outro, suponhamos uma perna, a exercer função dupla, dá-se o desequilibrio e nós somos obrigados a recorrer ao «cirurgião» a ver se nos coloca nos «trilhos».

Como ficou dito, eu entendo que todos os orgãos foram creados para uma função, e por isso creio que não ha nisso desprazer por parte deles. Ha-o, é verdade, sempre que um tem de suprir a inercia de outro.

Ora trouxeste á lume que o trabalho constitue uma pena, e que a humanidade busca o prazer.

Vamos por partes.

Si dividirmos as energias cosmicas em quatro partes, podemos asseverar que 3/4 são desaproveitadas. E para aclarar basta citar em largos traços — funcionalismo, militarismo, clero, burguezia e mais para aquem, como que fazendo a transição, o proprio comercio, que são forças mal aproveitadas ou simplesmente desaproveitadas, si bem que tidas como otimamente empregadas.

Posta a questão nas suas proporções somos impelidos a deduzir que só parca minoria, só uma terça parte é aproveitada ou, por outros termos, apenas uma terça parte se ocupa em trabalhos positivos, uteis.

Agora, meu camarada, como não ha de tornar-se penoso a esse minusculo 1/4 produzir para si proprio e para os 3/4 restantes consumirem? Certamente, o «trabalho é uma dôr».

Prosigamos, porém, no nosso raciocinio.

Eu disse acima que cada orgam tinha a sua função predeterminada.

Consideremos o homem um orgão da sociedade e que tem naturalmente a sua função tembem determinada. Ora nós sabemos que as partes do nosso todo precisam movimentar-se para se não entorpecerem, isto é, que o nosso corpo imprescinde de ação, sem o que mergulhariamos no maior dos torpôres.

Por ahi se vê que nos é necessario o exercicio e, sendo necessario, precisamente nos dará prazer. E vemos nos proprios burguezes a ginastica aconselhadissima para o desenvolvimento fisico, o que evidencia do modo mais claro a necessidade do exercicio. E' de acentuar o gesto dos delinquentes ineptos na correção que solicitam um sitio onde, posto que presos, lhes seja facultado trabalharem na lavoura, construção de estradas, etc.

Isto implica tacitamente que um ser para viver precisa de trabalhar.

Sendo o trabalho não forçado um exercicio agradavel, é logico que não se fariam precisas leis que nos forcem a trabalhar, excepto as naturaes, pois que o homem busca o agradavel. Logo, o trabalho não excessivo constituiria um prazer.

Agora, como no organismo social muitos orgãos estão atrofiados e outros se movem em puro detrimento dos activos, urge que recorramos ao «cirurgião» para os amputar ou fazer executar funções não antagonicas aos demais, com a diferença que desta vez os «cirurgiões» seremos nós.

⁂

E os dois amigos separaram-se com um aperto de mão significativo, que bem traduzia a firmação de um pacto insoluvel.

Antonio Vaz.

SAMUEL GOMPERS

Com a noticia da projectada reunião, em Washington, da Conferencia Anual do Trabalho, instituida pelas burguezias aliadas e organizada pelos lacaios trabalhistas, põe-se de novo em foco a figura do velho Gompers.

Muita gente fala de Gompers, muito se referem a ele os jornaes, mas poucos são os que lhe conhecem a vida e os feitos.

Samuel Gompers é judeu e nasceu em Londres, em 1850, contando, portanto, a estas horas, sessenta e nove anos bem contados.

Cigarreiro de oficio, muito novo ainda emigrou para a America do Norte, onde desde logo se fez militante na organização proletaria.

Possuindo inegaveis qualidades de organizador, inteligente e activo, dentro em pouco atingia uma vasta notoriedade nos meios operarios americanos.

Tomou parte na agitação culminada pelo 1.° de maio de 1886, em Chicago. Presidiu varios congressos obreiros.

Mas Gompers, de par com estas qualidades, é um espirito eminentemente conservador e burguez.

Quando se fundou, em 1888, a Federação Americana do Trabalho, ele foi o seu primeiro presidente, sendo desde então, até hoje, apenas com um interregno de um ano, conservado nesse posto.

Essa Federação é nacionalista, patriotica, legalista e... rendosissima. Apezar de ser o seu presidente um estrangeiro, só podem ingressar nas organizações que a constituem operarios nacionaes. E Gompers, no seu cargo, percebe mais de 20 — vinte, não é engano — mais de 20 contos de réis por ano.

Anti-anarquista, anti-socialista, anti-revolucionario, por principio e por indole, o velho caudilho é um excelente amigo da plutocracia e do governo, agindo sempre em beneficio e sob a inspiração destes.

E eis pois ahi está o patife que a imprensa burgueza, naturalmente, tanto elogia.

BOLETIM DA GUERRA SOCIAL

Através os telegramas da semana

Em Portugal

Os valentes camaradas portuguezes proseguem na sua obra fecunda de saneamento nacional.

Ganhando a gréve ferroviaria em toda a linha, dispondo dos meios de transporte, eles ámanhã estarão senhores do resto, isto é, do pescoço dos canalhocratas. A corda nós podemos fornecer. Aliás corda não falta, ha até abundancia nas vergas das caravelas historicas. Pelo que sabemos, a revolução é questão de duas ou trez semanas.

Na Inglaterra

Os telegramas têm feito um grande e significativo silencio em torno da questão social nessa odiosa Inglaterra onde ainda dominam todos os tratantes da industria, do comercio e do governo que fizeram a guerra no continente protegidos pela esquadra e prestigiados pela alta rapina. O pobre povo, porque realmente o povo inglez é o mais pobre do mundo, não sabe como se livrar das castas que o exploram e que o embrutecem.

Dahi o fracasso das gréves que são mais vultuosas que eficazes.

Ultimamente nada transpira do que ha pelas ilhas e muito vagamente aparecem noticias de repressões de revoltas de que não tinhamos conhecimento.

Mas confiamos no povo e veremos como os taes voluntarios que mandam contra a Russia saberão em que pelourinho enforcarão Lloyd George, o rei, o *lord mayor*, Henderson e Northcliffe, nas tripas dos outros patifes.

Na Italia

Houve anistia para 40.000 soldados condenados por anti-patriotismo, comercio com o inimigo e outros nobres actos de rebeldia! Quarenta mil! vejam de que especie era a tal unanimidade do povo italiano em guerra com os desgraçados austriacos. E nós a pensarmos que o rebanho se deixava matar pelas patifarias patrioticas dos Salandras, dos Tittonis e dos d'Annunzios!

Em Roma, nestes dois ultimos mezes não tem havido jornaes, e essa esplendida censura vermelha já deu maravilhosos resultados. O movimento fez-re sem as calunias dos cães da chacara. O povo cumpriu nobremente o seu dever de reivindicar as terras e os bens da produção colectiva. Isso quer dizer que até o fim do ano, a Italia está nas mãos do proletariado e redimida das infamias do Vaticano e do Quirinal. E, por falar nisso, que fim levou o cretino do rei? Teria ido desencalhar o *Basalicata* do canal de Suez?

Na Hespanha

O movimento grevista tomou proporções imprevistas pelo governo que, coitado! na sua santa estupidez sempre duvida de que os povos sejam capazes de revolta e reivindicação.

A politicalha hespanhola queimou todos os seus fogos de bengala e agora anda ás escuras, justamente na hora em que vai cahir na cova aberta pelo clericalismo e pela reação. Nos quatro cantos da peninsula as gréves se definem como revolucionarias e contra elas já o governo mobilizou 60.000 homens.., com destino a Marrocos. Fantastica expedição. Por fortuna o nosso camarada Raisuli estende a mão de ferro atravez de Gibraltar... Si o rei não morrer tizico, acabará como caçador de ratos nos Pirineus.

AÇÃO PROLETARIA

Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro

Comunicam-nos da secretaria da F. T. R. J.:

Participamos ao proletariado em geral que a Federação resolveu instituir tres séries de conferencias, afim de que os trabalhadores sejam orientados dos varios assuntos que interessam as colectividades e que sirvam para educação e instrução do operariado.

Essas tres séries de conferencias serão realizadas em dias e lugares fixos, e estão divididas da seguinte forma: Higiene e historia natural, a cargo do dr. Fabio Luz; Sociologia, a cargo do camarada Alvaro Palmeira; Organisação e assuntos associativos a cargo do camarada Carlos Dias.

As conferencias do dr. Fabio Luz realisar-se-ão ás terças-feiras, no Centro Cosmopolita, á rua do Senado, 215, ás 8 1/2 horas da noite; do camarada Alvaro Palmeira serão realisadas ás quintes-feiras, ás 7 horas da noite, na Aliança dos Operarios em Calçado, á praça da Republica, 58; do camarada Carlos Dias serão aos domingos, ás 3 horas da tarde, na União dos Operarios em Fabricas de Tecidos, á rua do Acre, 19.

A primeira destas conferencias efectuou-se terça-feira, 2, ás 8 1/2 horas da noite, na rua do Senado, 215.

A série a cargo do camarada Palmeira só será iniciada em outubro, em vista de se ter comprometido com varias associações para realisar conferencias ás quintas-feiras.

Por emquanto realisará conferencias quinzenaes, nas sucursaes da União dos O. F. de Tecidos, onde analisará os factos ocorridos durante a quinzena.

Para assistir a essas conferencias são convidados os trabalhadores em geral. — *O secretario.*

Nova gréve dos barbeiros?

Lavra um grande descontentamento entre os oficiaes do centro da cidade, devido a terem os patrões aumentado a tabela de barba e cabelo, sem um correspondente aumento nos ordenados.

O papelorio oficial...

Sabe-se que muitos dos grévistas tecelões haviam ingressado nos trabalhos da Prefeitura, ainda quando prefeito o Dr. Frontin. Mas este foi substituido e as obras da Prefeitura ou foram de todo sustadas ou sensivelmente diminuidas. E assim muitos daqueles operarios foram despedidos... com a agravante de não terem recebido os salarios correspondentes. 120 deles, que trabalhavam na Avenida Wilson, estão por receber os salarios de 2 quinzenas, isto é, de todo o mez de agosto. Naturalmente, isso não se fará sem que tudo passe pelos devidos tramites legaes do papelorio — e os operarios que esperem!

Operarios em Fabricas de Massas.

Esta classe se acha em gréve desde o dia 29 do mez findo, reclamando 8 horas de trabalho e abolição dos carretos a domicilio.

Algumas casas já cederam totalmente a essas reclamações, estando nelas o serviço normalisado, e continuando pois a gréve nas outras casas.

O movimento dos graficos

Esse movimento dos graficos, que se vem mantendo ha perto de tres semanas, vem demonstrar que a luta entre o capital e o trabalho é constante entre nós e que não terminará senão com o esmagamento completo da burguezia.

O patronato grafico, vendo falhar todos os trucs de que tem lançado mão para vencer a resistencia dos trabalhadores do livro e do jornal, acaba de jogar a derradeira cartada contra eles, acusando-os de anti-patriotas, para vêr se assim os intimida e divide, esperando vê-los na proxima segunda feira—dia marcado pelo *ukase* patronal — entrar nas oficinas de exploradores estrangeiros com o coração abrazado de patriotismo.

O proletariado brazileiro, ha muito que poz de banda o patriotismo, pois sabe por experiencia propria que isso não passa de uma mistificação destinada a enfraquecer a resistencia dos sindicatos obreiros.

E para desmascarar o patriotismo de ida e volta dos tartufos do Centro Industrial Grafico, basta saber-se que a maioria dos vampiros que se reunem na caverna da rua da Quitanda, são estrangeiros, que tentam impôr aos graficos, na quasi totalidade brasileiros natos, o salario da fome... por patriotismo.

Emfim, os graficos estão firmes e cohesos, e se assim se conservarem a victoria das suas reivindicações é certa, pois os industriaes estão divididos por interesses antagonicos e não podem resistir á pressão dos freguezes que exigem a entrega dos trabalhos encomendados sob pena de os entregarem aos estabelecimentos graficos que não adheriram ao *lock-out*.

A União Geral da Construção Civil aconselha aos operarios da construção a boicotagem dos productos da fabrica Mello Sampaio.

PARTIDO COMUNISTA DO BRAZIL

Prosegue em plena actividade a organização dos nucleos pelos bairros da cidade. Já instalados existem os de Copacabana, Andarahy, Encantado, Terra Nova, Cascadura, Praia Formosa.

O de Andarahy, no domingo passado promoveu uma conferencia de propaganda, encarregando-se da mesma o camarada Carlos Dias, que falou para um regular auditorio, reunido na sucursal da U. O. F. Tecidos, em Vila Izabel.

O nucleo do Encantado se reuniu tambem domingo passado, tomando deliberações de interesse e marcando nova reunião para amanhã. A sua séde fica á rua 2 de Fevereiro, 46.

O de Terra Nova reune-se ás terças-feiras. Na ultima reunião, entre outras coisas, deliberou a publicação de mais um manifesto de propaganda.

EM GUARDA!

Telegrama de S. Paulo, enviado ante-hontem pela Americana, faz-nos saber que a policia paulista anda a farejar pretextos para uma serie de violencias contra os camaradas do Partido Comunista daquela cidade.

Transmitimos a nova aos demais nucleos do P. C. B., para que a tomem na devida consideração...

Em guarda, camaradas!

UM DOCUMENTO SIGNIFICATIVO

A obra de catequese religiosa entre os indigenas brazileiros.

Os agentes de Roma empregam, nesta hora, os maiores esforços por empolgar as consciencias brazileiras. Mancomunados, agora, com a plutocracia temerosa das soluções revolucionarias para a questão social, a sua sinistra actividade se volta preferentemente para os meios proletarios. Mas os trabalhadores não se deixarão iludir. Eles conhecem os processos e os intuitos da seita negra. As palavras que a seguir estampamos, extrahidas dum oficio do então coronel Rondon ao Ministro da Agricultura, em 1912, constituem um significativo documento, aliás em termos serenissimos, a respeito de uma das faces mais caracteristicas desses processos e intuitos...

«Vou aqui reproduzir uma a uma as observações que fiz á missão salesiana, diante do Padre Malan e dos directores das colonias.

Discordei primeiramente que se perturbasse a vida normal da familia indigena, separando os filhos dos paes e obrigando as mulheres a trabalhos pesados e, além disso, fóra do seu lar. A esse respeito disse eu que tomar ás mães seus filhos era retirar-lhes a sua principal ocupação e empregal-as, como faziam, em carregar ás costas grandes feixes de cana, era sistematizar, neste ponto, os habitos indigenas, segundo os quaes os trabalhos mais forçados recaem sobre as mulheres, quando justamente o que deviamos ensinar-lhes era o acatamento á delicadeza natural da sua companheira e a necessidade de concentral-a cada vez mais no lar. Mostrei a conveniencia que havia de assistirem os paes á educação e instrução de seus filhos, o que despertaria certamente neles o alcance das vantagens que dahi resultariam e, portanto, o empenho em auxiliar os educadores. Disse por fim que se devia pôr o tear na casa do indio para que ahi trabalhasse a mulher e não, como era, numa sala especial destinada á aprendizagem.

Fiz observações relativamente á falta de higiene e conforto das casas dos indios, evidentemente inferiores áquelas que eles constroem nas suas matas.

Mostrei então que era precizo conceder-lhes um vasto quintal em que pudessem cultivar e crear alguma cousa, habitual-os a morar em casas semelhantes ás nossas, com divisões e regras de asseio, e, além disso, fornecer-lhes os utensilios domesticos mais rudimentares, como panelas para preparar o seu alimento e talheres com que o servissem. E, emquanto o Dr. Murillo operava e curava muitos indios, em cujos corpos os bichos tinham feito viveiros, insistia eu na necessidade de dar aos selvagens ensejo e motivos de preferirem a nossa civilização, pondo justamente ao alcance deles os recursos que ela nos faculta e que lhes são desconhecidos.

O Padre Malan respondeu-me que pretendia demarcar, na colonia do Sangradouro, para os indios casados e já civilizados, uma área de 6 metros por 25 metros.

Provei-lhe que semelhante providencia não resolvia a questão, visto que esse pequeno lote, encravado na grande propriedade salesiana, além de insuficiente, era apenas na aparencia uma posse do indio, sendo, de facto, um terreno de que nunca pederia lançar mão. Como destacal-o, efectivamente, de dentro da colonia pertencente á Ordem? Como aproveital-o, em tão reduzidas dimensões?

Essa medida, pois, só aproveitaria á Missão e nunca ao indio, que, por ela, ficaria indefinidamente preso á gleba salesiana. Mostrei pelo contrario, que toda a terra trabalhada pelo gentio devia ser de propriedade sua. Nem era justo chamal-o para o nosso seio e negar-lhe aquilo de que, nas suas matas, podiam á vontade dispor, mesmo porque, conforme José Bonifacio afirmou e os espiritos mais eminentes da Humanidade reconhecem, as terras lhes pertencem e lhes estão sendo usurpadas desde o Descobrimento.

Discordei da pratica de alugarem indios a fazendeiros, mediante pagamento que os alugadores recebem, e que, segundo afirmam, gastam em objectos destinados á comunidade indigena.

A esse proposito lembrei que os indios podiam encarregar-se da limpeza e conservação da picada da linha telegrafica, o que lhes daria recursos para adquirirem o de que, com suas familias, carecessem, proporcionando-lhes ao mesmo tempo certas regalias de emancipação necessaria.

Extranhei o uso de se pagar o trabalho dos indios com fichas, o que, além de outros inconvenientes, era um meio involuntario de induzil-os á falsidade ou contrafacção, como já sucedera a alguns deles.

Extranhei tambem que se déssem aos indios tão escassos e rudes alimentos, quando dispunham os padres de tão vastos recursos, aliás provenientes do trabalho indigena.

Extranhei ainda que só houvesse nas colonias carpintarias e uma olaria, havendo, sem nenhuma duvida, recursos para montar oficinas e maquinas de outras especies, destinadas á instrução dos selvagens.

Chamei a atenção do padre Malan para as queixas geraes levantadas contra o padre Salveto, acusado de tratar os indios com reprovavel violencia, chegando ao ponto de castigal-os a ponta-pés, e dirigil-os, no serviço das roças, de carabina em punho, consoante informações que tive. E devo aqui acrescentar que só aceitei esta grave denuncia depois que, com sorpreza e pezar, facilmente imaginaveis, notei que havia nas colonias armamentos mais proprios de estabelecimentos militares do que de casas onde se deve prégar a paz e se ha de ensinar a fraternidade.

A proposito do padre Salveto disse-me o Padre Malan que aquele seu companheiro só era rispido na aparencia, possuindo, de facto, um coração bondoso; e, quanto á irascibilidade que lhe era imputada, provinha de ter sido soldado, profissão em que contrahira habitos de mando!!

E como eu insistisse pela necessidade de afastar semelhante missionario do convivio dos indios, retrucou que o não podia dispensar por ser um excelente agronomo.

Ao passo que assim falava aos padres, aos indios que me iam levar suas queixas contra a missão dizia eu que tivessem paciencia e que, depois dos meus conselhos relativamente ás praticas que a missão devia adotar e ás que devia abolir, era de esperar que a situação melhorasse; mas, no caso de continuarem os indios a ter motivos de agravos, o funcionario competente procuraria de novo os padres e representaria a favor deles. Expliquei-lhes muitas vezes que o Governo os havia tomado agora sob a sua proteção, instituindo para isso um serviço especial, e não consentiria que eles fossem maltratados.

Não só relativamente ao indio apresentei reclamações á missão salesiana. Tambem dos empregados das linhas telegrafiicas, e especialmente dos de General Carneiro e Presidente Murtinho, tive de patrocinar justissimas queixas contra os padres da referida missão. E quanto essas queixas são baseadas, posso eu avaliar pelo facto que testemunhei e passo a relatar-vos:

Estando o telegrafista Lisboa, encarregado da estação Presidente Murtinho, em desavença com os padres, um deles contou ao Padre Malan novos motivos de animadversão, que não pude perceber, contra aquele funcionario, declarando nessa ocasião o inspector salesiano que prohibia a venda de generos alimenticios ao referido telegrafista, o que naqueles centros, onde só a missão negocia com taes generos, equivalia deixar morrer á fome o seu desafecto.

Nesse incidente tratei de mostrar ao padre que ele estava agindo em colera, fóra inteiramente de si, sem o que não daria semelhante ordem.

Já longe das colonias, depois da minha visita, sabendo por intermedio de um mestre oleiro, amigavelmente dispensado, havia pouco, da colonia Sagrado Coração, que os missionarios taxavam com preços fabulosos os objectos, em geral ferramentas e roupas, que vendiam aos indios, telegrafei ao padre Malan dizendo-lhe que achava isto errado, porque cobrar por um machado 25$000 e outro tanto por um cobertor, como se fazia, era uma exhorbitancia adequada a deixar no indio uma idéa pouco favoravel da nossa generosidade. Nem como meio de estimulal-o ao trabalho semelhante expediente devia servir, porque tendia a desenvolver-lhe o egoismo, e tudo se podia obter do selvagem com justiça e urbanidade.

Nesse telegrama dizia eu por fim ao padre Malan, como aviso, que ia comunicar ao Governo todas as irregularidades de que tinha sciencia...»

FEITIÇO!

De um tempo a esta parte, os comunistas temos sido perseguidos por uma *urucubaca* danada. Até parece da *meudinha*!... As coisas têm andado mesmo muito mal para nós. Os obstaculos que temos transposto, desde a fundação de *Spártacus*, são imensos.

Ninguem calcula com que dificuldades lutamos, para pôr *Spártacus* na rua. Vamos a uma tipografia, e o burguez compromete-se a imprimir o jornal, dando-nos a sua palavra de honra. Voltamos a segunda vez, para firmar o contrato, o patife dá o dito por não dito, e pronto: andamos nós de Herodes para Pilatos. Dirigimo-nos a outro burguez, e a canalhice se repete.

Outra *urucubaca:* Preparamos um belo festival, em beneficio de *Spartacus*, para o dia 3 do mez passado. O salão dos tecelões estava repleto. Notava-se alegria em todas as fisionomias. Pois bem: quando o camarada Fabio Luz subia o estrado para fazer a sua conferencia — 1ª. parte do espetaculo — caiu uma formidavel tempestade sobre a cidade. Relampagos, de quando em vez, enrubeciam o céu. Horriveis trovões estremeciam o predio e abafavam a vóz do conferencista. Raios serpeavam pelo espaço e dentro em pouco a chuva, pelas goteiras, cahia dentro do salão! O pianista, esperamol-o em vão: lá não apareceu. O piano cujo aluguel nos custou 70$, ficou num canto encostado!

Mais outra: *Spártacus* tem saido com alguns defeitos. Ha palavras que nem se pódem ler, devido estarem as letras muito apagadas.

Ainda outra: O correio está boicotando *Spartacus*.

Os camaradas não conhecem a causa de todas essas malaventuras. Fazem as hipoteses as mais disparatadas. Uns dizem uma coisa: outros dizem outra. Alguns dizem: E' a policia que se está preocupando muito comnosco; outros: E' a incapacidade do Grupo Editor. Mas, todos eles, uns e outros, estão redondamente enganados. Eu sei o que é: é canjerê do homem da *nota*. Riem-se? Não tem graça!...

O comendador *macumbeiro*, despeitado procura fazer-nos mal por todos os meios possiveis e impossiveis. — E' deprimente! Que ele nos atacasse frente a frente, desarrazoando n' *A Razão*, vá! Mas fazer feitiço, não! Isso é desleal.

Sem dizer nada aos camaradas, que podiam chamar-me supersticioso, fui a semana passada á baiúca do caboclo Anhembê, no morro do Castelo. Em lá chegando, contei-lhe ao que ia. Disse-me que eu voltasse dahi a uns 7 dias, para saber a resposta. Que ia mandar um espirito *investiga*.

Hontem voltei lá. Ele mandou sentar-me num banco sujo e velho, que estava junto duma mesa esburacada, coberta de santos e apetrechos diabolicos, e falou-me baixinho: *Moço, é coisa feita*. Eu me ri. Ele: *Não se ria, moço, que é piô!*

Continuando, revelou-me, mais ou menos, o seguinte: Quem poz o feitiço foi o dono dum jornal. *Pae santo*, (*pae santo* é o dono do jornal) reunio o seu *candoblé*, onde se encontravam *Xangô* e *Mãe d'Agua*, e fez o *trabalho* com uma galinha, preta morta, e umas peles de lagarto, enroladas numa camisa de mulher nascida numa sexta-feira. Além disso, poz, á meia-noite, na porta da Redação do *Spártacus* uma vela ardendo sobre uma caixa de fosforos, que continha um maço de grampos e uma prece dirijida á *Mãe d'Agua*. A prece principiava pela variação prodominal *me: Me dá, ó Mãe d'Agua*, etc., etc..

Como vêm os leitores, esse é um caso que provoca vomitos, tal a sua asquerozidade. O mediunico *pae santo*, não podendo lutar comnosco, mobiliza as hostes de Belzebú contra nós.

Que o comendador Astral trate das suas mezinhas, das suas raizes virtuosas e mais das suas hervas milagrosas, e deixe de inticar comnosco. Não ha de ser com os seus canjerês e com as suas pragas que havemos de recuar.

Pode atirar contra nós todos os seus espiritos, bons e máus, todas as suas *Mães d'Agua,* todos os seus *batuqueiros*, todos os seus *Xangôs,* ainda assim havemos de nos rir do seu esquizito comunismo fluidico-astral...

Plinio Saraiva

Em Cruzeiro

Com um exito completo efectuou-se nesta cidace paulista o festival promovido pela União Operaria 1º de Maio, em comemoração do seu 2º aniversario.

Essa agremiação, uma das mais prosperas e mais bem orientadas do interior, reune em seu seio não só o operariado local, como todo o pessoal da Rede Sul-Mineira, tendo ainda ha pouco obtido ganho de causa integral na gréve rapida e perfeita de Maio.

O festival, realizado no dia 25 ultimo, constou de espectaculo teatral, conferencia, hinos revolucionarios, etc.

A conferencia esteve a cargo do camarada José Elias da Silva, enviado pelo Partido Comunista, nucleo do Rio, o qual discorreu sobre *O Comunismo*, sendo aplaudidissimo pela numerosa assistencia, composta de operarios e suas familias, que encheram literalmente o cinema local.

Merece ainda mensão o facto de ter a União Operaria 1º de Maio declarado o dia 25 feriado em Cruzeiro, paralizando o trabalho nas oficinas da Sul-Mineira.

Um dia cheio!

CAMARADA!

Interessa-te a obra de SPÁRTACUS?

O melhor meio de o provares é difundil-o o mais possivel, angariando-lhe novos assinantes e leitores.

Grandiosa jornada

Ha de causar estranheza, certamente, um grande espanto, surgindo os mais desencontrados e absurdos comentarios, entre os meus amigos, ao depararem com o meu nome assinando estas linhas de propaganda libertaria.

Devo-lhes uma ligeira explicação.

Até o presente tenho defendido com a insignificancia de minha pena, sob os aplausos de uns e a indiferença de outros, os poderes constituidos e os dogmas da vetusta Roma, eternos aliados da actual sociedade burgueza e capitalista, em antagonismo ao desenvolvimento progressivo da humanidade.

Agora, com o espirito emancipado, abrangendo uma visão mais ampla, eis-me nas fileiras dos pioneiros da liberdade, desses intrepidos e decididos lutadores em prol do bem-estar geral, dos seres livres na terra livre, em harmonia com a civilisação moderna.

Desperto-me!

Incorporo-me aos novos apostolos da transformação social, isento dos preconceitos de uma politica — sempre conduzida através dos escusos segredos dos bastidores.

O surto sensacional do comunismo anarquico empolga-me.

E' a mais bela epopéa do universo!

E' a marcha fatal da evolução da sociedade, a que não podemos fugir.

E' o progresso em toda a sua plenitude.

Os defensores da ordem e da harmonia, em cujo seio me encontro, querem que a ciencia venha iluminar todas as inteligencias e que o amor e a alegria sorriam a todos os homens.

Um dos ornamamentos da igreja romana, — a mais rancorosa inimiga das idéas modernas, — S. João Crisostomo, expendeu a seguinte opinião: «Deve-se fazer uma especie de igualidade, um dando ao outro o superfluo. O rico se assemelha a um salteador. Seria melhor que todos os bens fossem em comum».

«A natureza estabeleu a comunidade e a usurpação fez a propriedade privada», declara Santo Ambrozio

Não alongarei estas considerações, que concretisam a mais lidima aspiração humana, ante o espaço limitado destas colunas.

Os meus amigos do proselitismo religioso julgarão um verdadeiro disparate a minha passagem para o campo comunista.

Aqui os horisontes são mais dilatados

Não ha senhores nem escravos

Todos por um e um por todos, —verdadeira expressão da fraternidade.

Serei victima das mais acres censuras, dos mais pesados baldões, dos mais ridiculos motejos...

Que fazer?

Deter os passos na grandiosa jornada?

Não. Seria fugir criminosamente á lei fatal da evolução.

Avancemos, pois, altaneiros!

Silvino Silveira.

● *Nada que mais deforme a faculdade de julgamento do que o patriotismo.*— Georges Matisse.

O caso do "Jornal do Comercio"

A questão social, que agita fortemente o coração do homem trabalhador, é um problema tão complexo, tão dificil de ser resolvido que me põe horas, longas horas de tormento —a reflectir no meio mais rapido de a solucionar.

E' esta a razão por que, algumas vezes, me abstraio, dando oportunidade a que os inimigos do meu ideal, os adversarios da humanidade futura—repleta de justiça e de paz— entrem na burgueza arena da discussão improfiqua, com o intuito pouco honesto de me pôr fóra de combate.

Sei, porém, garbosamente reagir, e no caso do *Jornal*, o meu modo de proceder foi o mais digno possivel.

Vai ele aqui como um programa: Favoravel a todos os movimentos proletarios, quando percebi que a Associação Grafica do Rio de Janeiro preparava munições para um serio conflito entre o capital e o trabalho, procurei desde logo saber os nomes dos dirigentes da ação, e comprehendi imediatamente, sem o menor esforço intelectual, que os companheiros, embora sinceros, não podiam desempenhar a missão de que se julgavam investidos.

Declarada a parede do *Jornal do Comercio*, houve o esperado fracasso.

Acompanhei, — como era do meu dever — a ação dos meus camaradas graficos, julgando-a, naturalmente, emanada da mais suprema justiça, mas prejudicada pela tibieza de seus directores, individuos semi-burguezes e legalistas, os quaes não podiam, no momento revolucionario que nos empolga, usar dos meios extremos e definitivos conducentes á vitoria final.

A comissão paulista, que aqui veiu, julgou-se desobrigada em apresentar uma lista que indicava 22 homens que podiam entrar no *Jornal*. Entre esses camaradas o meu nome estava em terceiro logar. Recusei, com pudor, a esmola burgueza, levando em conta a intensa propaganda em pról das idéas libertarias que naquela casa tinha feito.

Escrevi, então, um artigo, que é alvo presentemente do despeito de camaradas que não souberam cumprir um rudimentar dever de solidariedade.

Christovão Torres, na linguagem tacanha que lhe é peculiar, investe contra o humilde escrevinhador destas linhas, negando até que com ele tivesse trocado idéas.

A verdade é que *não sonhei* nem mal informado estou, porque ás 4 horas e poucos minutos da madrugada do dia anterior á fatal resolução da comissão de S. Paulo, que poz na via publica muitos chefes de familia, sahi da Associação Grafica, em companhia de Silva Monteiro, José Nunes e outros camaradas *cortejando* os graficos paulistas. Na praça da Republica, afastei-me intencionalmente do grupo, tendo ao meu lado Christovão Torres, e foi ali que ouvi a sua opinião, acrescida ainda com o receio por ele manifestado de que Ferreira Botelho poderia interromper, de forma efectiva, a publicação da edição paulista.

Si o colega Torres faltou á verdade com referencia á atitude dos colegas do *Jornal do Comercio*, de S. Paulo, foi porque temia ficar desempregado, declarada que fosse a gréve naquele orgão burguez.

Um sincero agradecimento aos graficos conscientes da Paulicéa que puzeram num torniquete, excitados pelo meu artigo, alguns companheiros que não souberam comprehender a missão de que estavam encarregados.

Agora vou tratar de outros assuntos.

Pedro Rangel.

Excursão de propaganda

Aproveitando a viagem a Cruzeiro, o camarada José Elias da Silva, enviado pelo Partido Comunista, nucleo do Rio, foi até S. Paulo, onde, a convite dos comunistas da Paulicéa, realizou tres conferencias de propaganda, todas com perfeito sucesso.

A primeira dessas conferencias efectuou-se no dia 27, numa assembléa da União dos Trabalhadores das Fabricas de Vidros e Cristaes, no Braz. Grande concorrencia. Tema: *O Comunismo*.

A segunda, promovida pela Federação Operaria de S. Paulo, foi feita na séde de *A Internacional* e versou sobre *A questão social do Brazil*, sendo ouvida por uma regular assistencia.

A terceira proferiu-a o camarada Elias num festival realizado na Federação Espanhola por um grupo de camaradas. Sala cheia. Tema da conferencia: *Exposição das idéas comunistas*.

De volta para o Rio, Elias saltou ainda em Cruzeiro, onde no domingo, 31, pronunciou nova conferencia, no mesmo local, fazendo a *Critica da propriedade privada e aplicações praticas do comunismo*.

Como se vê, uma excursão proveitosissima.

Em todas as suas conferencias, Elias teve o cuidado de acentuar a sua qualidade de brazileirissimo, para tapar a boca dos caluniadores contumazes, que atribuem todo a propaganda anarquista no Brazil aos estrangeiros...

Com os Correios

Sabemos, com todos os visos de verdade, que um dos burrocrátas dos Correios de Niteroi, conhecido mulatelho pernosticissimo da gente Bahiense, declarou destruirá inexoravelmente quantos exemplares de SPÁRTACUS, destinados a assinantes e pacoteiros, lhe passem pelas unhas, em serviço.

Ousamos chamar a atenção dos directores dos Correios para esse funcionario relapso e prevaricador.

Positivamente não estamos dispostos a ser lesados pela imbecilidade pavoneante de qualquer mulatelho metido a sebo nas suas tamanquinhas de lixo da burrocracia...

Cuidado, moço!

UMA CARTA

A' Redação de *Spártacus*.

Chegando-me ás mãos, por mera casualidade, o numero 4 do vosso jornal *Spártacus*, e encontrando nele assunto que muito me apraz, encontrando idéas perfeitamente de acôrdo com as minhas, venho, por meio desta, enviar aos dignos e independentes redactores o meu voto de louvor, os meus parabens, almejando que continuem na faina de combater as idéas atrazadas e a hipocrisia, que flagelam a nossa bela terra.

Todas as colunas do vosso periodico foram lidas, apreciadas e por mim analisadas, achando eu nelas verdade, verdade só!

Sou do numero dos «increntes», ou seja ateista, livre pensadora, como quizerem, comtanto que não me considero no meio desta atoleimada e legendaria historia de mil e uma noites, ou da carochinha, com que se embalam as crianças, e a que se chama *Religião!* Ter religião é ter um aleijão intelectual, ou sofrer de cataracta!

Refiro-me a esta religião de mentira, malevola, que crêa um Deus de todas as fórmas, horrivel, injusto, vingador, louco, tirano, tudo emfim, e a tal ponto que seria até um crime atribuirem-se tantos males a um Ente soberanamente bom... e misericordioso... conforme rezam e nos ensinam as *sagradas*, digo as mentirosas escrituras! Não, tambem não creio que existe esse Deus!

Sejamos bons, façamos por amor da humanidade todo o bem que esteja ao nosso alcance, mas não pelo amor de Deus.

Trabalhemos por estas idéas, pela liberdade de pensamento e consciencia, ainda que não seja por nós, pela humanidade vindoura.

Já não perderei um só numero de *Spártacus*.

Agradecida pela atenção, si merecer.— *UMA VENCIDA.*

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo respectivamente dos camaradas Astrojildo Pereira e Santos Barbosa.*

***

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1º, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

***

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

***

Preço para os pacoteiros: 1$000 por paco e de 12 exemplares.

***

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço ao numero avulso para todo o Brazil.*